

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

ALBERTO SAMPAIO, PRECURSOR DA HISTÓRIA DO PRESENTE.

MENDES, José M. Amado

Ano: 2007-2008-2009 | Número: 117-118-119

Como citar este documento:

MENDES, José M. Amado, Alberto Sampaio, precursor da história do presente. *Revista de Guimarães*, 117-118-119 Jan.-Dez. 2007-2008-2009, p. 13-30.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

ALBERTO SAMPAIO, PRECURSOR DA HISTÓRIA DO PRESENTE

José Amado Mendes

Introdução

Até há cerca de três décadas, ao falar-se de história, imediatamente a relacionávamos com o passado e, de modo especial, com o passado remoto. Além de uma atracção quase irresistível, aliás muito comum, pelo chamado “mito das origens” - da civilização como dos sistemas políticos, da arte como da filosofia, da língua como da literatura, para dar apenas alguns exemplos-, havia-se generalizado a ideia de que só era possível a análise histórica de realidades ou eventos totalmente “fechados”, cujas consequências já se pudessem detectar.

Ora, como já foi sublinhado, «os sociólogos ligados a Durkheim, em particular Simiand, fizeram pesadas críticas a Seignobos e ao método de pesquisa por ele concebido para garantir a objectividade. Na sua visão, o recuo no tempo não garantia a objectividade da história, pois todo o historiador é tributário da sua época»¹. Também Benedetto Croce (1866-1952), numa passagem tantas vezes citada, afirmava que a única verdadeira história é a história contemporânea.

Entre outros argumentos invocados, destacavam-se: por um lado, a convicção de que a perspectiva histórica só se adquiria quando tivesse passado um lapso de tempo relativamente longo sobre a ocorrência dos eventos, sempre que possível superior a uma geração, a meio ou mesmo a um século. Por outro, a perspectiva de que apenas em relação a períodos mais recuados se poderia ter acesso a um número considerável de fontes - sobretudo documentação escrita, de preferência manuscrita e inédita -, sem a qual a pesquisa ficaria sempre incompleta.

Assim, não surpreende que, em cursos de licenciatura em História das nossas Faculdades de Letras, até aos inícios dos anos 1970, as matérias leccionadas, regra geral, não ultrapassassem o século XVII ou, quando muito, o XVIII. Acrescente-se, todavia, que não se tratava de uma limitação exclusivamente

¹ Marieta de Moraes Ferreira, «História, tempo presente e história oral», *Topoi* (Rio de Janeiro), Dezembro de 2002, p. 317 (Como nas restantes citações, a tradução e a actualização ortográfica são da minha responsabilidade).

portuguesa. Também em França - cuja escola dos Annales e a nova história que cultivou, desde final dos anos 1920, tanta influência exerceram na historiografia ocidental, nas quatro décadas subsequentes -, a Antiguidade, a Idade Média e a Idade Moderna constituíram, nesse período, o quadro cronológico privilegiado. A partir de finais dos anos de 1970, a situação começou a mudar, para o que muito contribuiu a fundação, em Paris, no ano de 1978, do Instituto de História do Tempo Presente². Na Alemanha, esta modalidade historiográfica registou também certo desenvolvimento.

A propósito desta problemática, recorde Julio Aróstegui, professor catedrático de História Contemporânea da Universidade Complutense de Madrid e autor da interessante obra, intitulada *La Historia vivida. Sobre la Historia del presente*:

«Não deixa de ser extremamente significativa a sentença atribuída a um intelectual e político francês, na qual se dirimia com decisão este imbróglio: “o passado à História, o presente à Política e o futuro a Deus”»³.

Ora, nas últimas três décadas, a situação alterou-se, em sintonia com as rápidas transformações culturais e socioeconómicas registadas, sinais evidentes de uma considerável aceleração da história. Vejamos, a traços largos, o evoluir do processo.

1. História do presente

Sabemos hoje que a história - aliás, como a vida do próprio homem - é um contínuo temporal e que a divisão, em épocas ou períodos, se deveu à necessidade de sistematização e “arrumação”, para efeitos científicos e pedagógicos, e não à natureza ou às características do objecto. Daí a divisão tradicional da história - a qual data, apenas, do século XIX -, em Antiguidade Clássica, Idade Média, Idade Moderna e Idade Contemporânea.

Durante esta - ou, mais precisamente, nos dois séculos decorridos entre 1789 (Revolução Francesa) e 1989 (queda do Muro de Berlim) -, o mundo registou profundas transformações, cujos exemplos mais significativos são: a abolição do Antigo Regime, as revoluções liberais, republicanas e socialistas, as três

² Julio Aróstegui, *La Historia vivida. Sobre la Historia del presente*, Madrid, Alianza Editorial, 2004, p. 23.

³ J. Aróstegui, op. cit., p. 33.

revoluções industriais, a descolonização e a criação de instituições supranacionais, como a Sociedade das Nações, a Organização das Nações Unidas, a Comunidade Europeia/União Europeia, a NATO e o Pacto de Varsóvia, entre muitas outras.

Em termos globais, alguns autores começaram a chamar a atenção para um novo mundo que se avizinhava, não faltando designações ou expressões para o classificar - em sintonia com as mudanças operadas -, embora nenhuma delas seja inteiramente satisfatória, pelo facto de cada uma, só por si, ser incapaz de contemplar toda a complexidade emergente. Assim, surgem expressões como:

- Fim da história (Fukuyama⁴);
- Choque de civilizações (Samuel Huntington⁵);
- Sociedade ou época pós-moderna ou pós-modernismo (Lyotard⁶);
- Sociedade pós-industrial, etc.

Assim, face à multiplicidade de alterações/revoluções em curso, os historiadores não poderiam continuar alheios ao contexto em que estão inseridos, reflectindo apenas sobre a história longínqua, permanecendo à margem da história do seu tempo. Caso o fizessem, deixariam a outros - sociólogos, economistas, jornalistas, politólogos e escritores - o exclusivo da tarefa de estudar e interpretar os eventos mais próximos, não tirando partido da sua formação de base e da experiência acumulada, com a investigação histórica relativa a outros períodos.

Começaram, então, a ser utilizadas novas expressões para designar a história do último meio século, já que, em geral, se aceitava que a História Contemporânea abrangia o período de 1789 até 1945, fim da II Guerra Mundial. Deste modo, a história posterior ao segundo conflito mundial ou, para outros autores, a dos anos posteriores a 1989, começou a ser designada por:

- História imediata;
- História recente;
- História actual;
- História coetânea ou coeva;

⁴ Francis Fukuyama, *O fim da História e o último Homem* (trad. do inglês), Lisboa, Gradiva, 1992.

⁵ Samuel P. Huntington, *The Clash of Civilizations and the Remaking of the World Order*, Nova Iorque, Simon & Schuster, 1966. Fiz uma revisão crítica a esta obra na *Revista Gestão e Desenvolvimento*, 5-6, 1996-1997, p. 318-322.

⁶ Jean-François Lyotard, *A condição pós-moderna* (trad. do francês), Lisboa, Gradiva, 1989.

- História do tempo presente;
- *História do presente*⁷, expressão adotada no presente texto.

Reflectindo acerca da relação da história com o passado, sublinha Hugo Fazio Vengoa:

«Com base nestes elementos [...], temos como propósito refutar a associação implícita entre a história e o passado. Sem pretender contradizer a relação que esta disciplina tem mantido e seguramente conservará com o estudo dos sucessos pretéritos, somos da opinião que a história, mais que com o passado, tem que ver com o estudo do “social” e das sociedades humanas no tempo e nas suas durações». E o autor acrescenta:

«Quando afirmamos que a história antes de mais se refere à dimensão tempo, com isso queremos significar que, na actualidade, esta disciplina se deve ocupar do estudo do social em todos os intervalos temporais que englobam o conceito de tempo, assim como nas compenetrações de mudança que se apresentam entre os seus distintos componentes»⁸.

1. 1. *Definição e características da história do presente*

Qual, então, o significado de *história do presente*? Não há unanimidade acerca da definição. Por exemplo, Julio Aróstegui sublinha: «História do presente é a transposição, para o estudo historiográfico, da história vivida»⁹. Por seu lado, para Marcel Roncayolo, «a história do presente é “a história da geração a que pertencemos”»¹⁰. A experiência e sua historização são a substância da história do presente¹¹.

Porém, J. Aróstegui sublinha, citando R. Koselleck, que «a história do tempo presente é uma bela expressão mas um conceito difícil»¹².

Como também lembram certos autores, trata-se de uma modalidade historio-

⁷ J. Aróstegui, op. cit., p. 29.

⁸ Hugo Fazio Vengoa, «La historia del tiempo presente y la modernidad mundo», *Historia Crítica* (Bogotá), n.º 34, Julho-Dezembro 2007, p. 189-190 (<http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2487893>; acedido em 23-02-2008)

⁹ J. Aróstegui, op. cit., p. 9.

¹⁰ Idem, p. 46-47.

¹¹ Idem, p. 144.

¹² Idem, p. 45.

gráfica ainda jovem, que apenas data de há cerca de três décadas, pelo que continua em busca da sua identidade e consolidação.

Além dos aspectos referidos - história vivida, transformada em historiografia, e história relativa à geração a que pertence o historiador -, outras características devem ser mencionadas: o importante papel desempenhado pela memória e o recurso a uma maior diversidade de fontes, hoje ao alcance do historiador. Como destaca Rui Bebiano:

«O manuscrito e o impresso permanecem, naturalmente, assim como o papel do inquérito oral, mas adiciona-se agora, para além da fotografia, do cinema e dos registos sonoros, já com alguma tradição, também o vídeo, o CD, o CD-ROM, o DVD, o DVD-ROM, a Internet. E mesmo dentro do impresso, os tipos sucedem-se: o folheto, o cartaz, o postal ilustrado, a banda desenhada, o selo de correio, a capa de disco, a publicidade (esta também em som, em imagem ou tridimensional)»¹³.

Da história do presente fazem parte quatro elementos relevantes:

- testemunho;
- memória;
- procura social;
- acontecimento¹⁴.

Outros traços distintivos desta modalidade de história são:

- a. unidade temporal entre sujeito e objecto;
- b. confluência do subjectivo e do objectivo¹⁵;
- c. ponto de encontro entre jornalismo, história e literatura¹⁶.

1. 2. Funções da história do presente

Segundo uma tendência recente, tenta-se averiguar para que serve o estudo e a investigação de certas matérias, outrora destinadas quase exclusivamente à valorização e ao enriquecimento cultural. Como exemplo, e a propósito do assunto em análise, fala-se hoje de história aplicada ou história serviço, usando a expressão de Jorge Borges de Macedo, chamada, nos Estados Unidos

¹³ Rui Bebiano, «Temas e problemas da história do presente», in José d' Encarnação (coord.), *A História Tal Qual se Faz*, Coimbra, Edições Colibri/Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2003, p. 231.

¹⁴ J. Aróstegui, op. cit., p. 55-56.

¹⁵ Idem, p. 144.

¹⁶ H. F. Vengoa, op. cit., p. 194.

da América, public history.

Trata-se de uma história dirigida essencialmente ao grande público, veiculada pela comunicação social, ópor museus ou por instituições e entidades dedicadas à cultura, à formação e ao turismo cultural. É usada pela comunicação social, em comemorações, em programas de história ao vivo - ou reconstituição de certos acontecimentos -, como reforço da identidade e da memória, partindo da evocação e estudo de determinados eventos.

A história do presente vê assim alargado o seu campo de acção, ultrapassando o âmbito da investigação erudita e o ensino formal, para se inserir igualmente na educação não formal ou mesmo informal e, bem assim, em actividades relacionadas com o dia-a-dia da população em geral, incluindo os anónimos e os sem voz, aos quais também Alberto Sampaio dedicou especial atenção.

Alguns traços mais marcantes da evolução deste nosso mundo, no limiar do século XXI, por certo serão melhor compreendidos e interpretados se, na sua análise, for tida em conta a perspectiva da filosofia, teoria e metodologia históricas, isto é, se forem estudados também por historiadores, além de outros cientistas sociais. Entre muitos outros exemplos, apenas recordo:

A passagem do mundo bipolar, liderado por duas superpotências (EUA e URSS), até 1989-91, para outro em que sobressai uma única potência, os Estados Unidos da América, embora em perda, perante a emergência de novas potências mundiais;

A globalização - já na sua segunda fase, pois na primeira, registada nos séculos XV e XVI, Portugal foi pioneiro e esteve na liderança do processo -, que transformou o nosso planeta na chamada “aldeia global”. Em sentido inverso, tem vindo a constatar-se a importância crescente dos nacionalismos e dos regionalismos, com a valorização das particularidades e especificidades, tão apreciadas pelos adeptos do pós-modernismo;

As assimetrias de desenvolvimento, a solidariedade social e a relevância da formação, com vista a um maior equilíbrio entre nações desenvolvidas, sub-desenvolvidas ou em vias de desenvolvimento; como perguntava o autor americano David Landes, em obra publicada há alguns anos: porque é que uns são tão ricos e outros tão pobres?¹⁷.

No que a Portugal diz respeito, a história do presente tem um vasto campo de

¹⁷ David S. Landes, A riqueza e a pobreza das nações. Porque algumas são tão ricas e outras tão pobres (trad. do inglês), Rio de Janeiro, Ed. Campus/Elsevier, 1998.

acção, por exemplo, nas temáticas relacionadas com o 25 de Abril de 1974 e processo subsequente, adesão à Comunidade Económica Europeia - posteriormente União Europeia -, em 1986, processo de desenvolvimento económico e social, com os seus avanços e recuos, sucessos e fragilidades, questões relacionadas com a educação, formação e cultura, etc.

2. O presente na obra historiográfica de Alberto Sampaio

Têm sido devidamente destacados alguns dos aspectos mais inovadores da obra historiográfica de Alberto Sampaio, tais como:

- a. Foi o introdutor ou o “pai” da história económica em Portugal. Na sequência de A. H. de Oliveira Marques, vários outros autores o têm salientado, destacando o seu legado e que se pode detectar na obra de investigadores que lhe sucederam, desde João Lúcio de Azevedo a António Sérgio, de Virgínia Rau a Jorge Borges de Macedo, de Vitorino Magalhães Godinho ao geógrafo Orlando Ribeiro, entre outros.
- b. Recuperou para a historiografia portuguesa o tempo longo, mais tarde teorizado por Fernando Braudel, dimensão acerca da qual o autor de *As Povoas Marítimas* teve plena consciência. Assim, Alberto Sampaio, aos três séculos de História Medieval - que, até então, eram objecto de estudo - acrescentou o milénio precedente, pelo que afirmava ter ampliado a história das raízes da nacionalidade, que passaram a abranger treze séculos, estudadas minuciosamente pelo autor.
- c. Soube utilizar, com mestria, dois questionários - como salientou Jorge Borges de Macedo, há dezassete anos, quando comemorámos os 150 anos do seu nascimento -, um respeitante à realidade regional e outro à nacional, interlingando-os devidamente¹⁸.
- d. Foi o primeiro historiador português que soube aproveitar, praticamente no imediato, o resultado das importantes pesquisas arqueológicas que o seu amigo e eminente investigador Martins Sarmiento ia efectuando.
- e. Além disso, foi ainda quem primeiro soube fundamentar e alicer-

¹⁸ Jorge Borges de Macedo, «Alberto Sampaio no pensamento histórico português», *Actas do Congresso Histórico 150 Anos do Nascimento de Alberto Sampaio*, Guimarães, Câmara Municipal de Guimarães, 1995, p. 414.

çar a sua pesquisa histórica numa pluralidade de fontes, já que, além da documentação escrita, recorreu profusamente a testemunhos materiais, à toponímia, à geografia - física e humana -, à oralidade, à produção legislativa e às tradições.

f. Apesar do seu pioneirismo, nestes domínios, ter sido devidamente sublinhado por diversos autores, já a atenção que Sampaio dedicou à história do seu tempo - a que hoje chamamos história do presente - não tem merecido a devida atenção da parte dos estudiosos. Por se tratar de mais uma vertente inovadora da sua obra, pareceu-me oportuno realçá-la, no âmbito das comemorações do centenário da sua morte.

2. 1. *Passado e presente inseparáveis*

Ao invés do que viria a tornar-se frequente nos primeiros três quartos do século XX - e que, ainda hoje, por vezes se verifica -, Alberto Sampaio não compartimentava o tempo em passado, objecto adequado de análise histórica, e tempo próximo e presente, que ainda não poderiam ser investigados. Com efeito, ele demonstrava ter já nítida noção de que «o presente não é mais do que uma fina linha, de apenas um milésimo de segundo de longitude, entre o passado e o futuro»¹⁹.

Já na sua época, alguns autores começavam a refugiar-se na investigação histórica situada no tempo distante -, facto que viria, nas décadas seguintes, a ter grande aceitação -, mas nem sempre tinha sido assim. Como salienta Timothy Garton Ash, «desde a época de Tucídides até bem entrado o século XVIII, ter sido testemunho ocular dos factos descritos ou, melhor ainda, ter tido intervenção directa neles, considerava-se uma vantagem fundamental na hora de escrever a história. Considerava-se que a história contemporânea era a melhor»²⁰.

Do ponto de vista metodológico, Alberto Sampaio valorizava a experiência e a observação directa pelo historiador, como actualmente se preconiza. Quase no final do I capítulo de *As Villas do Norte de Portugal*, esclarece: «a investiga-

¹⁹ Timothy Garton Ash, *Historia del presente. Ensayos, retratos y crónicas de la Europa de los 90* (trad. do inglês), Barcelona, Tusquets Editores, 2000, p. 12.

²⁰ *Ibidem*.

ção há-de, pois, proceder por zonas conhecidas do escritor»²¹. Este princípio foi um dos motivos que o levou a privilegiar, como área de investigação, o Noroeste do País.

Pronuncia-se sobre vários aspectos da história portuguesa, articulando, com naturalidade, tempo longo, médio e curto. Ao caracterizar os habitantes do Minho, escreve, associando as origens remotas à realidade coeva: «Tenazes, trabalhadores, satisfazendo-se com qualquer lucro, extraordinariamente prolíficos, poupados até à mesquinhez, questionadores por um nada, expansivos, falando alto em voz nasal, turbulentos, esquecendo-se largas horas na taberna ao mesmo tempo que podem viver com extrema sobriedade, ora rudemente grosseiros, ora afáveis e cortesões, os homens do Minho exibem os vícios e boas qualidades dos dois sangues de que procedem [sarraceno, ao sul do Vouga, e hispano-suevo ou godo, a norte]»²².

Acerca das actividades quotidianas e do dia-a-dia dos habitantes minhotos, destaca, por exemplo, as múltiplas funções da água e a cozinha como lugar central da habitação. Acerca do precioso líquido, frisa o historiador: «eis porque a água, apesar do clima chuvoso, representa um papel tão importante, determinando o valor das propriedades, conforme a quantidade dela. No Outono, Inverno e parte da Primavera, lima os prados, que produzem as forragens, sem as quais não se pode alimentar o gado e fabricar os estrumes de curral; de Verão, nutre os cereais, especialmente o milho, as hortaliças e os legumes; por fim, depois de fecundar os campos, mói os grãos, massa o linho e serve para outros usos industriais»²³.

O autor assistia e estava atento à industrialização em curso no Vale do Ave, processo em que a energia hidráulica desempenhava papel fundamental, quer como força motriz utilizada pelas fábricas - através do uso de rodas e turbinas hidráulicas -, quer como elemento crucial para a produção de electricidade, em pequenas centrais, na transição de Oitocentos para Novecentos. Em suma, Alberto Sampaio já há mais de um século se apercebeu daquilo que investigações recentes têm vindo a comprovar - para o que eu já tive o ensejo de chamar a atenção, noutra lugar -, isto é, a existência de um modelo atípico de desenvolvimento industrial no Noroeste do País, no qual, mais que o vapor, foi a abundância de água que teve papel decisivo, na segunda metade de Oitocentos

²¹ Alberto Sampaio, Obras, Guimarães, Sociedade Martins Sarmento, 2008, p. 98.

²² Idem, p. 83.

²³ Idem, p. 48.

e inícios de Novecentos²⁴.

Acerca da cozinha, como ponto nevrálgico da habitação, notava o autor das Póvoas Marítimas:

«Aí, nessa cozinha térrea, sem chaminé, segundo o uso romano, passou-se, *como se passa ainda*²⁵ [mais uma vez, passado e presente surgem de mãos dadas], quase toda a vida do cultivador, de portas adentro; aí tem velado os serões das longas noites de Inverno, e descansando as horas da sesta na força do estio; aí dormiram as mulheres e as crianças enquanto não pôde construir o sobrado, pois aos adultos masculinos bastava um ninho de palha nas *barras*, sobrepostas aos estábulos»²⁶.

Mas Alberto Sampaio, longe de se preocupar apenas com a agricultura e a vida rural - à qual estava indissociavelmente ligado, como viticultor empenhado e inovador -, também reflectia sobre problemas mais amplos e muito pertinentes da vida nacional, chamando a atenção para políticas que considerava erradas, apontando caminhos a seguir.

2. 2. *Alberto Sampaio face às questões do seu tempo*

Deste ponto de vista, o seu trabalho *Ontem e Hoje* constitui uma bela síntese - eivada de uma crítica perspicaz e inteligente - do percurso histórico do país, desde os tempos mais remotos até à data da sua finalização (está datado de Guimarães - Janeiro de 1892), no qual não se coíbe de criticar soluções políticas erradas, apresentando sugestões para a sua solução.

Analisemos alguns desses grandes temas que mereceram especial atenção do historiador. Reflectindo sobre aquilo que nós hoje classificariamos como o atraso económico português, Alberto Sampaio critica as consequências das Descobertas e, sobretudo, das Conquistas, que considera desastrosas para o país, pelo facto de terem contribuído para a saída de um número considerável da população que, em vez de se dedicar aos sectores produtivos, se dirigia fundamentalmente à actividade comercial. António Sérgio, mais tarde, viria a

²⁴ Já me referi ao assunto, de forma mais desenvolvida, noutro lugar (José Amado Mendes, «A indústria do Vale do Ave no contexto da indústria nacional», José Amado Mendes e Isabel Fernandes (coord.), Património Industrial no Vale do Ave. Um passado com futuro, Vila Nova de Famalicão, ADRAVE, 2002, p. 12-35.

²⁵ Itálico meu.

²⁶ Idem, p. 156.

criticar este procedimento, ao aludir à preferência dada à política de transporte em detrimento da política de fixação.

É curioso, porém, como o autor liga essa saída de gente, nos séculos XV e XVI, à emigração do seu tempo para o Brasil, que considerava igualmente negativa. Assim, diferentemente da historiografia de meados do século XX, que distinguia colonização de emigração - como fez, por exemplo, Joel Serrão²⁷ -, A. Sampaio encarava os dois fenómenos sob a mesma perspectiva, ou seja, a da fuga de recursos humanos, cuja falta teria repercussões negativas no desenvolvimento do país. A propósito afirmava:

«Embarcaram todos; e os clamores dos que viam nelas [nas maravilhosas empresas marítimas] um impulso ruinoso foram vozes perdidas; ninguém as escutou. A miragem das grandezas cegava os olhos à realidade»²⁸. E, um pouco mais adiante, acrescentava: «A aventura era o modo geral. Valia a pena labutar duramente na terra, ou transformar a matéria-prima em produtos fabris, quando era possível enriquecer numa viagem?»²⁹.

Reportando-se mais especificamente à emigração do seu tempo - essencialmente para o Brasil -, realça A. Sampaio:

«Quando aparecem estas situações de miséria e penúria, constantes na nossa história, a população resigna-se e sofre tudo; ou emigra, acostumada como está, à aventura [...]. Então a emigração é o único expediente para ela; silenciosa e resignadamente cada um vai partindo, sem talvez uma palavra de amargura»³⁰.

Alberto Sampaio revela-se ainda muito crítico em relação à falta de apoios que o poder central dava à província. Relativamente à pesca do bacalhau, sublinhava:

«Efectuado o descobrimento, quem quer que fosse o seu autor, começou logo a ser exercida a pescaria do bacalhau por armadores de todos os povos do norte, e destes somente, segundo parece, entre os quais se distinguiam os de Aveiro e Viana. Os vexames fiscais foram-nos minando e, por fim, ocasionaram a sua ruína, a qual se não pode atribuir unicamente ao assoreamento das barras». E continua: «Não fique em silêncio que certos armadores de Viana, haverá quatro ou cinco anos [cerca de 1885, dado que o texto é de 1889],

²⁷ Joel Serrão, «Emigração», Joel Serrão (dir.), Dicionário de História de Portugal, vol. II, Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1965, p. p. 20.

²⁸ Alberto Sampaio, *Hontem e Hoje*, Guimarães, Sociedade Martins Sarmento, 1991, p. 22 (Texto datado, inicialmente, de Janeiro de 1892).

²⁹ Idem, p. 25.

³⁰ Idem, p. 35-36.

tentaram restaurar esta indústria e as suas antigas navegações para aqueles mares. Infelizmente, o inimigo - o fisco de Lisboa - estava alerta»³¹.

A dependência do estrangeiro, que levava à importação de diversos artigos, era igualmente motivo de crítica pelo historiador. Mais uma vez, a este respeito, ele “salta”, com desenvoltura e originalidade, do século XIII para os finais do século XIX, comparando atitudes diferenciadas. Com efeito, declara: «Não sendo nossa intenção fazer um estudo especial do decreto [de 1253], é provável ter escapado a designação de algumas peles: as nomeadas, porém, exceptuando o luberno (arminho) e mais três; eram de produção regional, hoje, pelo contrário, desaproveitam-se e importam-se todas do estrangeiro, incluindo as de coelho para feltro de chapéus, enquanto que então só vinham de fora as de grande luxo que faltavam cá: as regionais não só serviam para gente de menor categoria como também para exportar». E conclui: «A Índia acostumou-nos a desprezar as migalhas que são riquezas»³².

Muitos outros exemplos poderiam ser apresentados, mas é tempo de concluir. Antes, porém, permita-se-me que invoque mais um, que se refere à relevância atribuída por Alberto Sampaio aos factores **educação e formação**, isto é, à qualificação dos recursos humanos.

2. 3. Educação e formação, pilares do desenvolvimento

Depois de se ter referido à tentativa falhada de Pombal, às invasões napoleónicas e às lutas liberais, interroga:

«Poder-se-ia entrar definitivamente na vida moderna, sem se tratar a sério das duas questões fundamentais em que ela assenta - **o trabalho que cria as riquezas nas suas múltiplas manifestações, desde a lavoura até às indústrias artísticas, e o ensino que ilumina o espírito?** Se fosse possível a afirmativa, Portugal teria sido uma excepção singular em todo o mundo: mas não é, porque, pode afirmar-se sem erro, de não ter entrado ainda na vida das nações progressivas, cujas exterioridades tem somente imitado»³³.

Quanto às relações entre a agricultura e a indústria - temática que continuou a marcar presença na história económica do século XX -, é mais uma vez

³¹ Alberto Sampaio, Obras, p. 286.

³² Idem, p. 391 (itálico meu).

³³ Idem, p. 308 (itálico e negrito meus).

impressionante como o autor do Norte marítimo equaciona a temática, apresentando uma perspectiva ainda actualizada e à qual pouco foi acrescentado pela historiografia desde então. É disso esclarecedora a seguinte passagem: «Se, na ordem cronológica das indústrias, a agrícola é a primeira que aparece como mãe de todas as outras, como a origem de toda a civilização, ficará, todavia, naquele estado rudimentar e primitivo enquanto não se desenvolver convenientemente em volta de si o trabalho fabril. Os grupos de população manufactureira, que se vão formando em derredor, abrem-lhe um mercado, activam-na e forçam-na a aumentar a produção. Mais tarde, é ela quem lhe fornece a aperiaria aperfeiçoada, é ela, enfim, que, com o seu ensino, vai reagir sobre a outra, obrigando-a também pelo exemplo a melhorar os seus processos»³⁴.

Relativamente à educação e formação, a importância que Alberto Sampaio lhes concedia está bem patente no denodado empenho com que concretizou e transformou num êxito a Exposição Industrial de Guimarães, em 1884.

Esta iniciativa teve como motivação próxima o facto de a Cidade-Berço não ter sido contemplada com uma Escola Industrial ou de Desenho Industrial, como havia sucedido com outras, através do Decreto de 3 de Janeiro de 1884. Por este diploma legal, foram criadas a Escola Industrial da Covilhã e mais oito Escolas de Desenho Industrial: três em Lisboa, três no Porto, uma nas Caldas da Rainha e outra em Coimbra³⁵.

As forças vivas vimaranenses não se resignaram nem esperaram pelo cumprimento de promessas vagas, constantes do citado decreto. Neste, ao aludir-se à criação da Escola Industrial da Covilhã, acrescentava-se que se criariam «sucessivamente escolas industriais nas demais terras do reino onde estejam estabelecidos, ou vierem de futuro a estabelecer-se, importantes centros de produção»³⁶.

O pressentimento da injustiça, ao deixar-se Guimarães e seu concelho pri-

³⁴ Idem, p. 402. Como sublinhou François Caron, embora reportando-se à França, «a subida das receitas agrícolas constituiu a principal força de expansão do mercado dos produtos industriais» (Pierre Léon, dir., *História Económica e Social do Mundo*, vol. 3, t. II: *Inércia e Revoluções. 1730-1840* (trad. do francês), Lisboa, Sá da Costa Editora, 1983, p. 456).

³⁵ Joaquim Ferreira Gomes, *Escolas Industriais e Comerciais criadas no Século XIX*. Sep. da *Revista Portuguesa de Pedagogia*, Ano XII, 1978, p. 94; Mário Alberto Nunes Costa, *O Ensino Industrial em Portugal de 1852 a 1900* (Subsídios para a sua história), Lisboa, *Academia Portuguesa da História*, 1990, p. 63

³⁶ J. F. Gomes, op. cit., p. 94.

vados de ensino industrial, está bem patente em escritos da época e consta do próprio Relatório da Exposição. Evocando-se os antecedentes do certame, cuja ideia inicial surgira dois anos antes (1882), sublinha-se: «mas, quando enfim a assembleia dos fabricantes, produtores e negociantes a votou em 21 de Fevereiro deste ano [1884], a Exposição impunha-se já necessariamente, como a única resposta à preterição que o poder central nos fizera, omitindo a criação de uma escola industrial na nossa cidade e ao silêncio com que respondeu às representações que a este respeito lhe foram dirigidas»³⁷.

Alberto Sampaio foi o principal organizador e dinamizador da Exposição, convicto que estava do papel que ela poderia desempenhar no desenvolvimento da indústria concelhia. Nos textos que lhe dedicou, teve o ensejo não apenas de justificar, amplamente, a necessidade e as vantagens da sua organização, como também de expor as suas concepções acerca do desenvolvimento industrial e do seu papel na história da Humanidade.

No seu conhecido estudo, intitulado «Resposta a uma pergunta: Convirá promover uma exposição industrial em Guimarães?»³⁸ (datado de Janeiro de 1884), o autor, além de justificar a necessidade de organizar a exposição, expõe alguns princípios muito pertinentes e inclusive ainda actuais, não obstante ter decorrido um século.

Em primeiro lugar, referindo-se ao desenvolvimento do País, desde os tempos medievais à Época Moderna, constata ter-se registado um desenvolvimento harmónico - do qual resultou o papel desempenhado por Portugal, com as navegações e descobrimentos geográficos -, que só foi quebrado devido ao movimento da “indústria moderna”, que não acompanhámos. Porém, para Alberto Sampaio, o desenvolvimento, inclusive industrial, é inerente à noção de independência nacional. A propósito escreve:

«Não é independente uma nação ou um povo só porque certas circunstâncias lhe permitem uma soberania especial representada por um governo [...]. Se viesse a perder a sua indústria, perdendo uma função das mais importantes, perderia também uma das principais expressões do seu génio e colocar-se-ia

³⁷ Relatório da Exposição Industrial de Guimarães em 1884, apresentado pela Sub-Comissão incumbida de o formular, Porto, Tipografia de António José da Silva Teixeira, 1184, p. 9 (Ed. em fac-simile, Guimarães, Muralha - Associação para a Defesa do Património, 1991); itálico meu.

³⁸ A. Sampaio, Obras, p. 395-405.

por esse facto moralmente, como estamos vendo, e economicamente, como veremos logo, numa posição inferior em respeito aos outros que continuam a possuir aquela faculdade moderna»³⁹.

Em sua opinião, não faltavam capacidades ao operário português, mas sim formação - ensino técnico geral - e ambiente moral propício, que lhe estimulasse as faculdades inventivas⁴⁰. Alude ao fugaz desenvolvimento industrial no final do século XVIII, o qual não persistiu após o desaparecimento do seu impulsionador, o Marquês de Pombal, ainda que A. Sampaio não o mencione expressamente⁴¹.

Ciente do atraso do país face a outros mais industrializados, destaca: «Tendo a mecânica moderna, auxiliada por enormes capitais, revolucionado a indústria de todos os países civilizados do mundo, *a nossa tem continuado a viver aqui humildemente com os seus velhos instrumentos de produção, procurando somente na habilidade manual a perfeição e barateza que aliás lhe devia ser dada economicamente por máquinas e ferramentas aperfeiçoadas*»⁴².

Curiosamente, o autor das Póvoas Marítimas antecipou-se, relativamente a uma questão que viria a estar na ordem do dia, ao longo da primeira metade do século XX - se Portugal deveria ser, ou não, um país industrial⁴³. Acerca da matéria, destaca: «Assentou-se que o país não precisava de ser industrial, que lhe bastava a riqueza da sua produção agrícola, e talvez tão somente obtida com a sua agricultura primitiva.

Abandonou-se todo o ensino tecnológico fabril, assim como se descurou a cultura popular e o poder central deixou de prestar toda a protecção e incentivo que, aliás, deveria prestar ao fabrico nacional»⁴⁴.

E prossegue: «Talvez não existisse uma única oficina, se a esta corrente o fundo da população não opusesse a resistência que oferecem à morte os orga-

³⁹ Idem, p. 398.

⁴⁰ Idem, p. 399.

⁴¹ Idem, p. 400.

⁴² Alberto Sampaio, A Indústria Vimeirana. Folha Única. Publicação da Imprensa Vimeirana (Comemorando a abertura da Exposição Industrial de Guimarães), Guimarães, 15 de Junho de 1884, p. 1 (itálico meu).

⁴³ Foram seus protagonistas, entre outros, Anselmo de Andrade, José Henrique de Azeredo Perdigo e José N. Ferreira Dias. Ver, sobre o assunto, José Amado Mendes, «Portugal agrícola ou industrial? Contornos de uma polémica e suas repercussões no desenvolvimento (Sécs. XIX-XX)», Revista de História das Ideias, 18, 1996, p. 187-230.

⁴⁴ A. Sampaio, Obras, p. 401.

nismos vivos. A massa geral da população conheceu instintivamente que, no dia em que se fechasse a última fábrica, teria de retroceder à barbárie dos tempos primitivos»⁴⁵. Afirma ainda que o povo português possui, na verdade, «uma capacidade industrial; sobeja-lhe o amor ao trabalho, a reflexão, a tenacidade e o espírito de ordem; tem em si os elementos necessários para criar uma indústria nacional»⁴⁶. Tem, no entanto, «falta de direcção [ou seja, de competências, ao nível da gestão], de ensino e de uma opinião pública instruída que saiba discutir e resolver as questões que lhe estão intimamente ligadas e que imponha à administração»⁴⁷.

Alberto Sampaio reafirma a sua convicção no poder transformador da educação e do reforço da consciência cívica e do espírito de cooperação, como bem expressa:

«Fazer pensar é tudo; e a *agitação* a única alavanca que pode deslocar esse mundo; pois que *agitar* quer dizer - instruir, ensinar, convencer e acordar. Neste caso o homem chama-se “legião”: em vez de vontade de um só ou de poucos, há a vontade e o pensamento de todos»⁴⁸.

Conclusão

A terminar, e concluindo em breves palavras, gostaria de salientar: por um lado, que Alberto Sampaio era um observador atento à realidade do seu tempo ou, como hoje diríamos, um cultor, *avant la lettre*, da história do presente⁴⁹; por outro, a agilidade com que focava matérias, na diversidade temporal - tempo longo, médio e breve -, revela que, na sua perspectiva, a questão da exigência de um lapso de tempo alargado, para se poder fazer história, ainda não se colocava, pois tanto falava dos celtas, suevos ou do Condado Portucalese, como da emigração para o Brasil ou da crise da construção naval do seu

⁴⁵ *Ibidem*.

⁴⁶ *Idem*, p. 399.

⁴⁷ *Idem*, p. 401-402.

⁴⁸ *Idem*, p. 400.

⁴⁹ Perspectiva que partilhava com outros grandes vultos da “Geração de 70” entre os quais o seu amigo Antero (José Amado Mendes, «Antero de Quental e Alberto Sampaio: observadores atentos da História imediata», Congresso Anteriano Internacional. Actas. 14-18 Outubro 1991, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1993, p. 449-460.

tempo. Tecia, habilmente, todas as componentes da realidade portuguesa. Estamos, assim, perante um historiador completo e, em vários aspectos - incluindo o texto histórico -, actualizado, não obstante os progressos registados pela historiografia, ao longo da última centúria.

BIBLIOGRAFIA

ARÓSTEGUI, Julio, *La Historia vivida. Sobre la Historia del presente*, Madrid, Alianza Editorial, 2004.

ASH, Timothy Garton, *Historia del presente. Ensayos. Ensayos, retratos y crónicas de la Europa de los 90* (trad. do inglês), Barcelona, Tusquets Editores, 2000.

BEBIANO, Rui, «Temas e problemas da história do presente», in José d' Encarnação (coord.), *A História Tal Qual se Faz*, Coimbra, Edições Colibri/Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2003, p. 225-236.

CARON, François, in LÉON, Pierre (dir.), *História Económica e Social do Mundo*, vol. 3, t. II: *Inércia e Revoluções. 1730-1840* (trad. do francês), Lisboa, Sá da Costa Editora, 1983.

COSTA, Mário Alberto Nunes, *O Ensino Industrial em Portugal de 1852 a 1900* (Subsídios para a sua história), Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1990.

FAZIO VENGOA, Hugo, «La historia del tiempo presente y la modernidad mundo», *Historia Crítica* (Bogotá), n.º 34, Julho-Dezembro 2007, p. 189-190 (<http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2487893>; acedido em 23-02-2008).

FERREIRA, Marieta de Moraes, «História, tempo presente e história oral», *Topoi* (Rio de Janeiro), Dezembro de 2002.

FUKUYAMA, Francis, *O fim da História e o último Homem* (trad. do inglês), Lisboa, Gradiva, 1992.

GOMES, Joaquim Ferreira, *Escolas Industriais e Comerciais criadas no Século XIX*. Sep. da Revista Portuguesa de Pedagogia, Ano XII, 1978, p. 79-151.

HUNTINGTON, Samuel P., *The Clash of Civilizations and the Remaking of the World Order*, Nova Iorque, Simon & Schuster, 1966.

LYOTARD, Jean-François, *A condição pós-moderna* (trad. do francês), Lisboa, Gradiva, 1989.

LANDES, David S., *A riqueza e a pobreza das nações. Porque algumas são tão ricas e outras tão pobres* (trad. do inglês), Rio de Janeiro, Ed. Campus/Elsevier, 1998.

MACEDO, Jorge Borges de, «Alberto Sampaio no pensamento histórico português», *Actas do Congresso Histórico 150 Anos do Nascimento de Alberto Sampaio*, Guimarães, Câmara Municipal de Guimarães, 1995, p. 413-441.

MENDES, José Amado e FERNANDES, Isabel (coord.), *Património Industrial no Vale do Ave. Um passado com futuro*, Vila Nova de Famalicão, ADRAVE, 2002.

MENDES, José Amado, «Portugal agrícola ou industrial? Contornos de uma polémica e suas repercussões no desenvolvimento (Sécs. XIX-XX)», *Revista de História das Ideias*, 18, 1996, p. 187-230.

MENDES, José Amado «Antero de Quental e Alberto Sampaio: observadores atentos da História imediata», *Congresso Anteriano Internacional. Actas. 14-18 Outubro 1991*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1993, p. 449-460.

Relatório da Exposição Industrial de Guimarães em 1884, apresentado pela Sub-Comissão incumbida de o formular, Porto, Tipografia de António José da Silva Teixeira, 1884 (Ed. em fac-simile, Guimarães, Muralha - Associação para a Defesa do Património, 1991).

SAMPAIO, Alberto, *Obras*, Guimarães, Sociedade Martins Sarmento, 2008.

SAMPAIO, Alberto, *Hontem e Hoje*, Guimarães, Sociedade Martins Sarmento, 1991, p. 22 (Texto datado, inicialmente, de Janeiro de 1892).

SAMPAIO, Alberto, *A Industria Vimaranesense*. Folha Única. Publicação da Imprensa Vimaranesense (Comemorando a abertura da Exposição Industrial de Guimarães), Guimarães, 15 de Junho de 1884.

SERRÃO, Joel, «Emigração», Joel Serrão (dir.), *Dicionário de História de Portugal*, vol. II, Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1965, p. 19-29.